

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO
DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO**

**TECNOLOGIA EDUCACIONAL:
A ÉTICA DO EDUCADOR NA AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO
SISTEMATIZADO PELO ALUNO**

Dilson Nogueira Sobral Júnior

**NATAL/RN
2006**

DILSON NOGUEIRA SOBRAL JÚNIOR

**TECNOLOGIA EDUCACIONAL:
A ÉTICA DO EDUCADOR NA AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO
SISTEMATIZADO PELO ALUNO**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de graduação em Licenciatura em Computação da Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte, Como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Computação.

Orientador: Dr. José Nicolau de Souza

**NATAL/RN
2006**

Catálogo na Publicação – Biblioteca da FARN
Setor de Processos Técnicos

Sobral Júnior, Dilson Nogueira

Tecnologia Educacional: a ética do educador na aquisição do conhecimento sistematizado pelo aluno / Dilson Nogueira Sobral Júnior. – Natal: FARN, 2006.
34 f.

Orientador: José Nicolau de Souza (Dr.)

Monografia (Licenciatura em Computação) – Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte.

1. Tecnologia Educacional – Monografia. 2. Formação Docente – Monografia.
I. Título.

RN/FARN/BC

CDU 004:37

RB-30.077

FARN
BIBLIOTECA

Nº Reg. 14000739

23/10/07

004:37

566t

2006

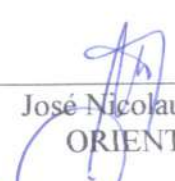
22.01

**LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
FACULDADE NATALENSE PARA O DESENVOLVIMENTO DO
RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO**

**TECNOLOGIA EDUCACIONAL:
A ÉTICA DO EDUCADOR NA AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO
SISTEMATIZADO PELO ALUNO**

Dilson Nogueira Sobral Júnior

Monografia apresentada e aprovada em _____ de _____ de 2006.
Pela banca examinadora composta pelos seguintes membros



José Nicolau de Souza
ORIENTADOR



Luiz Gonzaga Damasceno



Joseane Alves Pinheiro

Natal/RN, 13 de Dezembro de 2006.

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Dilson Nogueira Sobral e M^a das Graças Varela Sobral, as minhas irmãs Anna Karla e Ana Amélia e a minha esposa Mazukielly pelo amor, carinho, confiança e esforços de todos dispensados para a minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente por te me ajudado a enfrentar barreiras espalhadas ao longo do processo de meu desenvolvimento acadêmico.

Ao professor e orientador José Nicolau de Souza pela orientação, oportunidade, amizade, dedicação e paciência.

A toda a minha família que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para a minha formação, em especial à minha irmã Anna Karla, pelo amor, carinho amizade, apoio e incentivo desde o início de minha jornada acadêmica ao lado dela.

RESUMO

Esta monografia discorre sobre o tema da Tecnologia Educacional e a ética do educador na aquisição do conhecimento sistematizado pelo aluno. Primeiramente apresentando-se a partir de uma definição do que é Tecnologia Educacional, suas ferramentas e a postura da prática docente na interação professor-aluno diante das novas tecnologias educacionais. Em seguida, explica a importância das tecnologias educacionais como instrumentos de estudo para os alunos além de fazer um breve comentário a respeito do seu contexto social. O trabalho apresenta conclusões a respeito da prática docente e da importância da implantação de tecnologia educacional no ensino superior voltado à docência.

ABSTRACT

The present study it was developed with questions on the subject of the Educational Technology and the ethics of the educator in the acquisition of the student. First it was presented what Educational Technology is, its tools and the position of the teacher in the interaction teacher-pupil in the new educational technologies. After that, it explains the importance of the educational technologies as instruments of study for the pupils besides making a brief commentary regarding its social context. This work presents conclusions regarding the work of the teachers and the importance of the implantation of educational technology in superior education directed to the formation of teachers.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. TECNOLOGIA EDUCACIONAL	12
2.1. Caracterização/Problema Pesquisa	12
2.2 SITUANDO O OBJETO DE PESQUISA	15
2.2.1 A Tecnologia Educacional na prática e formação docente	15
2.3 OBJETIVOS	17
2.3.1 Objetivos Gerais	17
2.3.2 Objetivos Específicos	17
2.4 DELINEANDO A ESTRUTURA DA PESQUISA	17
2.4.1 Do caminho teórico-metodológico	17
2.5 JUSTIFICATIVA	18
2.5.1 A Tecnologia Educacional no Contexto Social	19
3. A EDUCAÇÃO, O PROFESSOR E A TECNOLOGIA	21
3.1 O professor moderno	22
4. O EDUCADOR E AS NOVAS MÍDIAS	24
4.1 PLANEJAMENTO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS	25
4.1.1 Múltiplas representações e funções do professor	26
4.1.2.2 CD's Didáticos	27
4.1.1.3 Vídeos Educacionais	28
4.2 EDUCAÇÃO PRESENCIAL	29
4.2.1 As mudanças na educação presencial com as novas tecnologias	29
5. CONCLUSÃO	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

A atualidade obriga ao profissional de educação desenvolver algumas habilidades que possibilitem sua melhor interação com novas culturas e também as novas formas de conduta social. Acrescentando-se a isso, o processo de globalização, que insere o ser humano em um ambiente com alto grau de competitividade e também seletividade.

Neste panorama, o relacionamento que existe entre professor e aluno, representam um empreendimento extra, afetividade e competência no preparo do educando para a vida pessoal e profissional, em uma redefinição do processo de ensino e aprendizagem (Weisz 1999: 120).

Cada profissional da área de educação deve possuir de forma bem clara a definição do seu papel no contexto social, onde a relação aluno e educador devem ser considerados como objeto de pesquisa, na procura por diálogo, do livre debate de idéias, da interação social e da redução da importância do trabalho, ou seja, de maneira individual.

A dinâmica existente entre professor e aluno extrapola os limites profissionais, escolares, durante o ano letivo e também os semestres. Representa, verdadeiramente, um relacionamento que precisa de uma busca constante da afetividade e também do diálogo como sendo um modo para a construção do espaço escolar. Para se revelar o núcleo da relação entre educador e aluno perante os problemas educacionais, objetivando com isso criar uma reflexão acerca do processo de construção do conhecimento.

Portanto de forma específica, para identificar os fatores que obstruem a relação que existe entre professor e aluno, a fim de compreender como um bom relacionamento entre eles contribui para a melhoria no processo de ensino-aprendizagem e, ao final, sugerir outras maneiras que possam contribuir para a melhoria do relacionamento a ser estabelecido, de um ponto de vista de aprendizagem representativa e satisfatória.

Ser não é uma tarefa simples, muito pelo contrário, representa uma tarefa que requer vocação, dedicação e habilidade. O professor não é meramente aquele que distribui um determinado conhecimento para os alunos, não é um simples transmissor de conhecimentos. O papel do professor é muito mais amplo, transcendendo esta simples transmissão do saber. Também é válido questionar: como se deve educar os alunos em uma sociedade moderna, onde a ética e a moral apresentam graves sinais de crise. Alguns valores, que no passado eram questionados e que hoje já não são mais importantes a valores que parecem estar em mais evidência (Rodrigues 1997: 53).

No interior de sala de aula, o que se observa, quase sempre, é o estabelecimento de regras disciplinares de maneira arbitrária. É possível perceber que estas regras nem sempre

são explícitas, e que as exigências de seu cumprimento são feitas com base em ameaças e punições, o que pode provocar reações conformistas e até de resistência, ou seja, a aceitação como forma de condicionamento ou a indisciplina.

Obviamente, não se pode negar que a autoridade é estabelecida e precisa ser aceita; ela não torna os educandos em seres inferiores, porém, dá as suas vidas um rumo mais seguro de caminhada e conquista. Deste modo, a autoridade de fato é responsabilizado, cabendo ao professor, que em sua interação estabelecida com o aluno, possa dialogar e manter uma sintonia, auxiliando-o a reconhecer que sua vida é diferenciada, tanto em coisas imutáveis, mas também em relação às coisas que podem e precisam ser modificadas (Pinto 1994: 32).

O professor precisa considerar que a única forma de ajudar aos alunos em suas vocações é inseri-lo na construção da sociedade e na direção da mudança social, é substituir esta captação da realidade por uma percepção mais crítica a propósito, a partir da utilização de um método dinâmico de educação, com base no diálogo, modifica-se o conteúdo dos programas de educação. Este representa o primeiro passo para que seja viável iniciar qualquer processo de mudança, uma vez que a confiança entre professor e aluno é fundamental. (Freire 1980: 18)

É fundamental que a prática do profissional de educação seja direcionada por uma formação profunda, crítica, afim de que ele possa acompanhar as transformações que se tornaram fundamentais no contexto da sociedade. Desta maneira, quando ocorre uma análise do compromisso do educador, é possível verificar que sua rotina irá resultar ou será resultante de componentes históricos e estruturais conhecidos, e de interações desfavoráveis que tornam complexo sua forma de pensar e também agir. Desta maneira o passado se insere no presente as suas perspectivas de ação (Bock 1998: 47).

No sistema educacional, o profissional precisa tornar seu saber pedagógico em uma mola propulsora desencadeadora de mudanças, não apenas ao nível da escola que representa parte integrante, porém ao nível do sistema sócio-econômico e político. O educador precisa ser uma fonte constante de conhecimentos na rotina diária da sala de aula, retirados das bases teóricas que o fundamentam possibilitando a sua compreensão e, conseqüentemente, as condições para um direcionamento norteador de ação consciente. Outro fator seria procurar superar os pontos fracos encontrados e resgatar o real significado do seu papel como educador, no contexto de apropriar-se de um agir e de um saber agir de maneira adequada ao momento que vive o sistema educacional nos dias atuais (Harper 1985: 25).

O trabalho do educador representa o exercício profissional do mestre, estabelecendo assim seu primeiro compromisso com a sociedade. Seu comprometimento, diante aos novos

tempos e a um novo paradigma, é a de formar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na vida cultural e política. É, deste modo, uma atividade necessariamente social, porque contribui para a conscientização e a aquisição democrática.

A pedagogia que serve de base a uma criação consciente de educação está essencialmente preocupada em inserir, no trabalho docente, elementos de mutação que assegurem a qualidade pretendida para o ensino. E, em coesão com essa conjectura, busca-se garantir ao educando, por meio do educador, uma formação mais concreta e abrangente, que privilegie o método de construção do conhecimento.

Este procedimento é compreendido como resultado das trocas que o educando estabelece na interação com o meio em que vive. Ao docente, cabe desempenhar a intervenção desse processo e articular essas trocas, tendo em vista a apropriação crítica e ativa de conteúdos expressivos (Alves 1994: 15).

O que se deve ponderar é que o ato de informar e de instruir-se é uma constante troca, onde se torna indispensável que o educador seja, sobretudo, um mentor que encare aos desafios e possa afrontar os problemas presentes na sua formação e, deste modo, entender que o conhecimento se estabelece através de valores que fundamentam e justificam a aprendizagem, nos relações dos atores envolvidos na ação e que o vivenciam na escola (Rodrigues 1997: 85).

Dessa forma, a ponderação sobre a importância e o desempenho do professor e do seu relacionamento com os estudantes, vai muito além, uma vez que estamos diante de permanentes mudanças, onde a novidade sempre traz expectativas que muitas vezes são confusas, inquietam e deixam os profissionais sem rumo. Da mesma maneira, permite que se possam observar os limites que envolvem os sujeitos de forma diferenciada dentro de sala de aula, onde o estudante deseja concretizar o desejo de aprendizagem e sintonia de carinho e compreensão (Rodrigues 1997:89).

A finalidade de encarar esse grande desafio, também inclui em superarmos os nossos temores, no sentido de contribuímos para um futuro melhor, onde necessitamos romper com antigos paradigmas, por meio de crítica, inventividade, cordialidade e diálogo, para a constituição de novas maneiras no presente, com objetivos no futuro.

2. TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Em análise ao que tem se chamado de Tecnologia Educacional, encontra-se duas vertentes fundamentais. Primeiramente, as compreensões próprias das décadas de 50 e 60, nas quais equivalia à Tecnologia Educacional, o estudo dos meios como geradores de aprendizado; uma segunda compreensão, a partir da dos anos 70, que traz a definição para a Tecnologia Educacional por seu estudo do ensino como processo tecnológico. (PABLOS PONS, *apud* LITWIN, 1997). Exemplifica-se esta perspectiva com a declaração formulada pela Comissão sobre Tecnologia Educacional dos Estados Unidos, no ano de 1970:

É um modo sistemático de preparar, levar a cabo e avaliar todo o processo de aprendizagem em termos de objetivos específicos, com base na investigação da aprendizagem e da comunicação humana, empregando uma combinação de recursos humanos e materiais para obter uma aprendizagem mais efetiva. (PABLOS PONS *apud* LITWIN, 1997, p. 6).

No decorrer de todo esse processo na expansão da tecnologia educacional, houve muitas inovações e criações de materiais audiovisuais e informáticos que se integraram as necessidades de projetar-se as aplicações educacionais que despertaram o interesse dos envolvidos com a educação. Gerando, no entanto, a necessidade de “definir” a tecnologia educacional ao longo de sua história evolutiva, originando sucessivas iniciativas institucionais. Porém, o desenvolvimento de uma educação baseada em uma tecnologia criada de uma forma ou maneira específica precisa se apoiar na “ciência da aprendizagem”. Introduzindo assim, o conceito de Tecnologia Educacional como teoria da aprendizagem aplicada.

Portanto é sabido que a tecnologia educacional por si só não traz melhoria à qualidade educativa. Diversas vezes um meio é benéfico para o ensino de certo conteúdo ou para certo destinatário, mas para outro ainda é ineficiente.

2.1. Caracterização/Problema Pesquisa

O feito da educação no Brasil ofereceu expressivas mudanças nas décadas de 1970 e na década de 1980. O comportamento dos alunos nos direciona à obrigação de considerar a formação do professor, como sendo requisito básico para a melhoria dos índices de aprovação, repetência e evasão do ensino (CECCON 1998: 51).

As esperanças do docente sobre o desempenho dos alunos podem funcionar como uma auto-realização. Ou seja, o aluno de quem o docente espera menos é o que alcança menos, ao

modo que aqueles de quem se tem expectativa de um bom desempenho acabam, na realidade, por apresentá-lo.

Assim, as taxas de evasão demonstram a baixa qualidade do ensino e a inaptidão dos sistemas educativos e das escolas de garantir a permanência do aluno, punindo os alunos de nível de renda mais baixos.

Justamente por fazerem parte de famílias carente de recursos, as crianças não possuem acesso ao mínimo de informações culturais no lar, devido a isso, chega à escola em condição de inferior em comparação à maior parte dos estudantes de classes mais altas.

Como a criança faz parte de uma família de poucos recursos, possui uma alimentação que é deficiente e, por isso, seu desenvolvimento físico e sua saúde são deficientes. Por habitarem em ambientes onde as pessoas não tiveram uma boa formação escolar, sua linguagem apresenta muitas falhas, o aluno necessitado usa uma linguagem pobre e sem estruturação (CECCON 1998: 35).

Seus amigos de famílias com melhores posições sociais, que se desenvolveram entre pessoas com algum grau de instrução, teriam domínio de um vocabulário mais proveitoso. Os condicionamentos e reivindicações escolares também são vistos como fontes dos problemas que a educação enfrenta. Prontamente de início há uma grande falta de vagas, a escola esta localizada em um local que dificulta o caminho de ida e volta dos alunos. Além disso, existem os horários determinados pelas escolas, que são extremamente criticados por não atenderem a realidade da população (CUNHA 1992: 109).

Outro problema que dificulta a conservação e a boa performance dos alunos na escola são os gastos com materiais demandados pela escola, isso porque na maior parte dos casos, os pais não conseguem comprar o que a escola exige.

Estas demandas não são problemas para os alunos de classe média, cujos pais são bem remunerados. Apesar disso, para os alunos de famílias pobres, estas exigências simbolizam grandes dificuldades e empecilhos para alcançar aprovação na escola.

A família é colocada como principal responsável pelo fracasso dos alunos, não sendo questionadas, as condições materiais de vida dessas famílias, nem sua participação nas relações sociais de produção que são o que determinam, em última instância, as possibilidades de assistência aos filhos.

De acordo com estas conclusões ideológicas que eximem os docentes de observarem sua própria atuação na conjuntura escolar, sua participação no processo seletivo e, principalmente, o papel da escola como reprodutora da coletividade desigual na qual se insere.

Em diversas salas de aula nota-se a cobrança inflexível de disciplina, a afirmação de uma relação autoritária entre o docente e seus educandos, o trabalho obrigatório e repetitivo. Um dos métodos de controlar a disciplina é a organização do tempo.

Existindo uma hora determinada para entrar, para o recreio, a merenda, para tomar água, para ir ao banheiro, etc. O cumprimento do horário é obrigatório, sem levar em conta o que a criança está fazendo ou qual é a sua vontade no momento.

Existe, por parte do docente, uma vigilância permanente e ameaças, provocando um clima de tensão entre os alunos, por encontrarem-se sempre antecipando os resultados de seus maus atos: o aluno corre o risco de ficar sem recreio, de ser retirado após as aulas, além de outras ameaças de castigo.

Quem apresentar bom comportamento recebe gratificação e é apresentado como exemplo aos colegas de classe. A postura do educador em sala de aula é fundamental para criar um ambiente de atenção e centralização, sem que se abafe a alegria. As aulas tanto podem bloquear o aluno como também fazer que atue de maneira desenfreada. Por conseguinte, a participação do professor é a de intermediário e facilitador; que deve interagir com os alunos na construção do conhecimento. Desta maneira, é extremamente importante a ajuda dos professores, para ensinar, garantindo assim que todos os alunos possam aprender e desenvolver seu raciocínio (COLL 1996: 185).

Determinados professores percebem que seu relacionamento com os alunos estabelece o clima emocional da sala de aula. Este clima deverá ser positivo, de ajuda ao aluno, quando o relacionamento é respeitoso e cordial.

Neste caso, o aluno adquire segurança, não se intimida com a crítica e a censura do professor. Seu nível de consternação mantém-se baixo e ele pode trabalhar relaxado, inventar, produzir mais intelectualmente. No entanto, se o estudante teme invariavelmente a crítica e a censura do educador, se o relacionamento existente entre eles é permeado de antipatia e embate, a atmosfera da sala de aula é a pior possível. Assim sendo, haverá o aumento da angústia do aluno, com repercussões corporais, enfraquecendo sua habilidade de percepção, raciocínio e criatividade (COLL 1996: 79).

Se o processo de aprendizagem, em sala de aula, for um experimento de sucesso, o estudante edifica uma representação de si mesmo como sendo uma pessoa competente. Porém se ao contrário, for um experimento de insucesso, o ato de instruir-se tenderá a se transformar em intimidação. O educando ao se avaliar fracassado, vai procurar os culpados pelo seu julgamento negativo e começa a achar que o educador é importuno e que as lições não servem para nada.

Busca-se, deste modo, rescindir as diferenças de educador e educando sacramentados pela escola tradicional. Os papéis tradicionalmente exercidos pelo docente que é ensinar, transmitir e reprimir e pelo estudante aprender, receber passivamente e obedecer, estes conceitos precisam ser modificados.

Desta forma a escola conseguirá efetivamente atender a sua finalidade mais importante que é permitir o aluno a chegar à ciência.

Nesse assunto, o atributo de desempenho da escola não pode depender exclusivamente da vontade de um ou outro educador. É necessária uma participação conjugada da escola, da família, do estudante e dos profissionais relacionados à educação, de tal modo, o educador deve reorganizar suas idéias e distinguir que o aluno não é um subalterno que só faz receber conhecimentos, suas habilidades vão além do conhecimento que é depositado neles.

Por este motivo, o educador não mais será o senhor do saber e se tornará um orientador, uma pessoa que acompanha e participa da metodologia de construção de novas aprendizagens, para que a coletividade possa modificar-se é preciso que sejam provocadas mudanças de maneira significativa para o sujeito.

Compreende-se, por conseguinte, que as escolas devem confrontar sua relação com a comunidade e também criar um clima adequado ao aprendizado, onde os subsídios e o compromisso são peças básicas para se obter a verdadeira escola, isto é, uma escola participativa, onde todos apresentem acesso à coletividade (CECCON 1998: 35).

comunidade da escola

2.2 SITUANDO O OBJETO DE PESQUISA

2.2.1 A Tecnologia Educacional na prática e formação docente

A tecnologia educacional tornou-se indispensável à formação da cidadania contemporânea. Para tanto, é essencial que se contemple esse presente processo histórico, e se incluindo a compreensão do conjunto de equipamentos e procedimentos técnicos e tecnológicos do cotidiano educacional, social e profissional. Esse quadro demonstra a importância do professor nesse processo e como é fundamental garantir uma formação sólida para esse profissional.

Essa formação contextualizada de educadores para o uso da tecnologia de informação e comunicação ocorre integrada com o tempo e espaço da instituição educacional e origina-se na e da prática do profissional. Porém, isso não significa realizar-se fisicamente na instituição educacional. A formação concretiza-se no surgimento de formandos e formadores na realidade da instituição.

Dentre os diferentes componentes que contribuem para o desenvolvimento de atividades na área da informática em educação, a formação do profissional capaz de mediar a interação aluno-computador tem sido uma componente chave. Essa formação tem recebido muita atenção por parte dos pesquisadores da área.

A escola, enquanto instituição social, não é permitida que fique alienada à composição do conhecimento no tempo da informação, necessitando, assim, aprender, por meio de seus sujeitos, a trabalhar com o computador e todo o contexto à qual este se fixa, assim como as relações produzidas. Para tanto é necessário investir na composição de competências tecnológicas de seus profissionais, para que os mesmos consigam as aptidões imprescindíveis ao exercício da informática.

A visão do mundo educacional precisa se expandir para uma visão que aprecie a integração da gestão do conhecimento social, procurando uma formação qualitativa para educadores e educandos, por meio de uma linguagem tecnológica educativa, capaz de colaborar com o processo de formação e /ou transformação da realidade.

A formação do docente precisa procurar uma proximidade com as tecnologias contemporâneas, na tentativa de aliar informação e comunicação ao ato educativo. A utilização da informática, por meio do computador, está prevista nos cursos de formação de professores (licenciaturas e normal superior), versada no artigo 2º, inciso III da Resolução CP nº 1, de 1999, procurando integrar as características inerentes da sociedade da informação e de comunicação ao processo de formação docente:

Art.2º- Visando assegurar a especificidade e o caráter orgânico do processo de formação profissional, os institutos superiores de educação terão projeto institucional próprio de formação de professores, que articule os projetos pedagógicos dos cursos e integre:

- I – as diferentes áreas de fundamentos da educação básica;
- II – os conteúdos curriculares da educação básica;
- III – as características da sociedade de comunicação e informação.

O poder de interação proporcionado pela tecnologia educacional não está baseado nas tecnologias, mas sim, na mente, reflexão e ação dos educadores frente a todo este novo esplendor educacional.

Para isso, é preciso que os mesmos saibam gerenciar o processo de aprendizado proporcionado pelas redes digitais, tendo em vista que os mesmos são os facilitadores e mediadores deste novo paradigma educacional. De acordo com Kramer (1993, p. 192):

“Se pretende realmente qualificar professores, deve-se ampliar os seus conhecimentos. Há que se forjar a sua paixão pelo conhecimento. Pois quem além do ser humano conhece? Quem além dele cria linguagem e nela se cria?”.

No entanto, ainda que previsto e amparado pela lei educacional, o desenvolvimento de aptidões tecnológicas na formação do educador não é algo que faça parte, explicitamente, do currículo em ação nas IES. E, é essa formação que irá permitir ou não, uma atitude ética, coerente e reflexiva dos mesmos diante das novas tecnologias e do processo de ensino e aprendizado.

2.3 OBJETIVOS

2.3.1 – Objetivos Gerais

Estudar os problemas, desafios e soluções nas questões éticas que envolvem o relacionamento aluno e professor, no contexto das possibilidades de utilização ou não das modernas ferramentas da informática no processo ensino-aprendizagem.

2.3.2 – Objetivos Específicos

- Analisar as implicações éticas do professor, em agilizar ou não as novas técnicas disponíveis na educação.
- Discutir se os processos empregados atualmente favorecem resultados positivos no que se refere ao aprendizado ético na aquisição do aluno através do educando.

2.4. DELINEANDO A ESTRUTURA DA PESQUISA

2.4.1 Do caminho teórico-metodológico

O uso da tecnologia em sala de aula é bastante válido no sentido que possa possibilitar um ensino e uma aprendizagem mais criativa e interativa. No entanto o professor ainda, muitas vezes mantém-se apreensivo e reticente em utilizar a tecnologia em sua aula. Segundo Heide e Stilborne (2000, p. 24) muitas são as razões para que o professor haja dessa maneira: não saber como utilizar adequadamente a tecnologia nas escolas, não saber como avaliar as novas formas de aprendizagem provenientes desse uso, não saber como usar a tecnologia e, algumas vezes por falta de apoio dos da escola para o uso de inovações em sala de aula.

O uso das tecnologias deve proporcionar dentro do ambiente escolar uma mudança de paradigma, uma mudança que vise à aprendizagem e não o acúmulo de informações, Onde no qual os bons professores nunca serão substituídos pelas máquinas. A tecnologia não há de substituir a relação humana entre o professor e o aluno. Mas as máquinas podem ajudar os professores e os alunos tanto na sala de aula como fora dela;

Portando esta pesquisa apresenta-se através de um estudo teórico de obras específicas sobre a tecnologia educacional, como análises de artigos e pesquisas bibliográficas na literatura recomendada. Resultando em um trabalho acadêmico teórico, visando contribuir para uma melhor discussão sobre a ética do professor na aquisição do aluno nas diferentes formas da tecnologia educacional.

2.5 JUSTIFICATIVA

Atualmente, percebemos a presença clara de aparelhos tecnológicos fazendo parte da nossa vida habitual, invariavelmente transformando a sociedade, especialmente nas últimas duas décadas de 1980 e 1990. É plausível realizações que, há alguns anos atrás, compunham exclusivamente um mundo de sonhos e ficções, como a telefonia celular, conversa interativa via internet em tempo real, saque de dinheiro fora do horário bancário, pagamentos eletrônicos, sofisticados exames clínicos, se realizaram corriqueiramente. Com maior frequência à linguagem cultural abrange o uso de múltiplos recursos tecnológicos para o estabelecimento de processos comunicativos, utilizando-se de distintos códigos de significação.

Em meio a esse veloz desenvolvimento, com as tecnologias atuando, de modo direto ou indireto, em processos cada vez mais comuns, a escola que faz parte desse mundo é chamada a cumprir sua função na formação de cidadãos para que possam exercer plenamente sua cidadania, e atuar nos processos de modificação e construção da realidade. Para tanto devem estar abertos para agrupar novos hábitos, comportamentos, inteligência, capacidade e demandas. Porém, as dificuldades de uma incorporação diferenciada são evidentes, principalmente na educação (MORAN 2000: 7).

São várias as tentativas de agrupar o uso das tecnologias como elemento, entretanto, envolvendo é que a escola prossegue em negar o conhecimento a partir das interações que estas tecnologias podem trazer para o processo de construção desse conhecimento.

É fundamental salientar que vivemos em uma sociedade tecnológica e, atualmente se observarmos em nosso redor, boa parte do que utilizamos em nossa vida cotidiana, pessoal e profissional está por todas as partes e são instrumentos diferenciados.

Esse pensamento nos permite meditar sobre o emprego dos recursos relacionados à sobrevivência humana, não para extinguir a espécie, mas para permitir a sua continuidade, bem como através da inteligência é que ocorre a distinção dos comportamentos dos seres humanos dos demais animais (MORAN 2000: 15).

O homem não civilizado contava com duas ferramentas naturais, o cérebro e a mão, essas relações propostas em épocas históricas da humanidade são conhecidas pelo progresso tecnológico para ampliar o conhecimento dos recursos e inventar tecnologias cada vez mais sofisticadas que modificam o nosso cotidiano.

Sobrepular as dificuldades e os desafios da celeridade das tecnologias eletrônicas das quais o homem utiliza, vão modificar sua relação com as várias formas de comunicação. Como aprender a integrar os exercícios aos saberes escolares e vê-los como possibilidades de aprimoramento.

No entanto, mesmo em presença dessa realidade, muitos docentes não ambicionam a se adaptarem às novas reivindicações educacionais dos novos tempos, embora a sociedade cobre intensivamente o papel da escola e do educador, no sentido de formar um cidadão competente para tomar decisões sobre sua postura e conhecimentos (MORAN 2000:17).

2.5.1 A Tecnologia Educacional no Contexto Social

Por apresentar-se em um ambiente globalizado e para um ambiente globalizado, esta linguagem tecnológica não se mostra de maneira neutra, uma vez que é influenciada pelas leis de mercado e da sociedade à qual ingressa.

Faz-se necessário então, descobrir a serviço de quem estaria à presença da tecnologia educacional, observando que ela se torna objeto de politicagem em torno da regulação, conteúdo e forma, já que busca atender a um mercado, e, por esse motivo, fica vulnerável às exigências deste.

Segundo Arruda (2004, p.124) as tecnologias digitais e o que elas significam, se apresentam para a sociedade atual constituídas por relações de poder que se restringem no sistema produtivo hegemônico, tornando-se, pois, indispensável rever as relações de trabalho aí geradas, inclusive no âmbito educacional.

Como se percebe, parece ser indispensável uma melhor identificação do papel da tecnologia na área educativa, assim como das ferramentas aí utilizadas.

Segundo Lévy (1999), o desenvolvimento das tecnologias digitais mostra-se como produto da mente de visionários motivados pela efervescência de movimentos sociais, onde o desenvolvimento da cybercultura deriva de uma sociabilidade comunicativa que objetiva a emancipação e consagração do ser humano, e o universal significa a presença virtual da humanidade para si mesma.

Na cybercultura, o conhecimento se constrói pela verdadeira interação entre os indivíduos envolvidos, e a Internet mostra-se como sendo um meio capaz de democratizar esse conhecimento e permitir a defesa de interesses de grupos de pequena expressividade social.

A Internet tem a característica de ser um pólo de constituição e compartilhamento do conhecimento coletivo, possibilitando a valorização de competências e uma multiplicidade prática de informações.

A realidade do Brasil, porém, mostra que a educação tecnológica está intimamente ligada a um processo de inclusão e exclusão social, uma vez que, são poucos os que sabem como dominar e usar essa linguagem.

O entendimento da linguagem tecnológica como linguagem educativa, e desta como um veículo para o exercício da cidadania - uma vez que se mostra como função de inclusão social - é condição necessária para que esta linguagem tecnológica possa tomar uma posição científica, e não somente instrumental, perante a edificação social do conhecimento. Este, que detém o conhecimento no espaço informatizado é a própria sociedade, que se mostra viva e cooperativa numa relação de intercâmbios de informação, ampliando-se, na procura da afirmação de sua própria identidade: "sociedade da informação".

A tecnologia educacional precisa, então, ir a busca da emancipação dos indivíduos em aprendizagem enquanto pessoas humanas, classe ou como indivíduos, procurando fazer uma articulação das noções de tempo, espaço, diálogo, expressão, natureza, cidadania, bem-estar, linguagens, no âmbito político, no âmbito da economia e na cultura, no processo construtor do conhecimento.

A real essência da tecnologia educacional acha-se na sua capacidade de se desenvolver e compartilhar os saberes por intermédio de atividades cooperativas e coletivas, permitindo, desse modo, uma real gestão social do conhecimento. Tornando necessário, então, a influência mútua entre os vários campos do conhecimento e

características da vida em sociedade para uma eficaz e incorruptível construção de valores sociais feita através da tecnologia educacional.

No presente momento, assim como nos próximos anos, a exigência relacionada à formação profissional para operar no mundo do trabalho, é cada vez maior.

Nos dias de hoje, apenas a graduação não é satisfatória para superar a grande concorrência que existe em todas os segmentos do conhecimento. Em face de tais exigências, as Instituições de Ensino Superior, tanto faz as públicas como as privadas, estão colocando à disposição uma diversidade de cursos de pós-graduação, principalmente os cursos ministrados para níveis de especialização.

Essa quantidade de cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior, certamente é em face da grande demanda atual, em consequência das exigências do mundo do trabalho.

Essa nova configuração no campo do ensino em nível de pós-graduação, designadamente no *lato sensu*, é assinalada como educação continuada, tendo como público-alvo, profissionais que já trabalham em sua área ou em outra área, e procuram o aprimoramento em seu segmento de trabalho e de recém-formados que tentam um espaço nesse universo de concorrência, por intermédio de cursos presenciais e até mesmo cursos ministrados à distância.

Uma dos campos de maior exigência profissional é o campo tecnológico para todos os segmentos da tecnologia, no caso deste trabalho, o campo educacional.

3. A EDUCAÇÃO, O PROFESSOR E A TECNOLOGIA

Dotado de inteligência, o ser humano buscou formas de vencer os obstáculos impostos pela natureza, durante toda a história. Desta forma, foi desenvolvendo e inventando instrumentos tecnológicos com o objetivo de superar dificuldades. Diz-se que a necessidade é a mãe das grandes invenções tecnológicas.

Mas, aproximadamente a partir de 1999, a Internet cresce no mundo em velocidade impressionante. Muitos dizem que foi a maior criação tecnológica, depois da televisão na década de 1950. A Internet passou a ser utilizada por vários segmentos sociais. Os estudantes passaram a buscar informações para pesquisas escolares, enquanto jovens utilizavam para a pura diversão em sites de games.

A partir daí mudaram os tempos e as necessidades da atual sociedade. Pois foi preciso mudar a escola e todos. Como refere Paulo Freire (1999), temos de ser homens e mulheres de

nosso tempo e empregar todos os recursos disponíveis para promover a grande mudança que nossa escola está a exigir. Não poderemos ser omissos. Felizmente, aumenta dia a dia o número de professores inconformados com essa situação, e que partem em busca de vicissitudes para novos caminhos em que possam empregar formas de representação para registrar o seu cotidiano, a sua escola e o seu mundo, compreendendo o passado para agir no presente e construir o futuro.

No processo de ensino-aprendizagem, o aproveitamento otimizado das novas tecnologias implica em uma mudança drástica das nossas formas de ensinar e aprender. O uso de textos, vídeos e sons acarretam uma revolução. A palavra-chave deste tipo de ensino é "interatividade". Trata-se da mudança de um ensino onde é limitado o papel do aluno na busca de informação e em que ele se tenta adaptar a informação existente para um ensino em que a informação se adapta ao aluno, onde quer que este se encontre.

Porém, existem algumas razões para tal frustração e desânimo. Por um lado, as escolas não estão, na sua grande maioria, dotada do material tecnológico necessário. Por outro lado, os departamentos governamentais têm-se preocupado mais em colocar material nas escolas, e menos com uma componente essencial do processo que é a sensibilização e a formação dos professores.

A utilização das novas tecnologias comprova que é preciso rever a aprendizagem e a prática do professor. Para saber como integrar as diferentes tecnologias ao trabalho pedagógico (computador, internet, TV, vídeo), torna-se necessário que os professores assumam a postura de querer buscar saberes em busca da construção de redes de conhecimentos, com vistas a resolver os problemas de contexto e melhorar a qualidade de vida.

3.1 O professor moderno

O professor moderno é aquele que deixa de ser um aplicador de matéria e vira um mediador-estimulador do aluno. O professor é desafiado a assumir uma postura de aprendiz ativo, crítico e criativo, constante pesquisador sobre o aluno: seu nível de desenvolvimento cognitivo, emocional e afetivo, sua forma de linguagem, expectativas e necessidades, seu contexto e cultura.

O professor que atua nessa perspectiva, enquanto responsável pela aprendizagem de seus alunos, tem uma intencionalidade, e esta constitui o seu projeto de atuação, elaborado com vistas a respeitar os diferentes estilos e ritmos de trabalho dos alunos, o trabalho colaborativo em sala de aula no que se refere ao planejamento, escolha do tema e respectiva

problemática a ser investigada. As questões de investigação são formuladas pelos sujeitos do conhecimento, levando em conta suas dúvidas, curiosidades e indagações e, a partir de seus conhecimentos prévios, valores, crenças, interesses e experiências, interagem com os objetos de conhecimento, definem os caminhos a seguir em suas explorações, descobertas e apropriação de novos conhecimentos.

O educador passa a ser o articulador, mediador e orientador do processo em desenvolvimento pelo aluno. A criação de um clima de confiança, de respeito às diferenças e de reciprocidade encoraja o aluno a reconhecer seus conflitos e a descobrir a potencialidade de aprender a partir dos próprios erros. Assim, o professor reconhece seus próprios conflitos, erros e limitações e procura sua depuração, numa atitude de parceria e humildade diante do conhecimento que caracteriza a postura interdisciplinar (FAZENDA, 1999).

O objetivo da tecnologia é a finalidade prática, e o professor moderno tem que usar dessa praticidade em sala de aula, para a realidade do aluno. Ainda se discute a revisão do paradigma tradicional, onde o professor “ensina” e o aluno “aprende”. No modelo tradicional, o professor apresenta ao aluno o conteúdo a ser “ensinado” de forma sistematizada e linear. Mas não basta inovar através de técnicas motivadoras de aprendizagem, é preciso também repensar os ambientes de aprendizagem e as concepções teóricas que os apóiam bem como despertar a necessidade de rever a postura de “transmissor do conhecimento”.

Pensar na educação apenas como uma forma de transferência de conhecimento do professor para o aluno, como um despejar de informações de um recipiente para o outro, não é mais possível. Aquilo de que os alunos de amanhã precisam não é apenas domínio de conteúdo, mas domínio das próprias formas de aprender. A educação não pode simplesmente se preludir para uma carreira: deve ser um empreendimento que dure a vida inteira.

4. O EDUCADOR E AS NOVAS MÍDIAS

O professor tem um grande leque de opções metodológicas, de possibilidades de organizar sua comunicação com os alunos, de introduzir um tema, de trabalhar com os alunos presenciais e virtualmente, de avaliá-los.

Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie, que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática.

Não se trata de dar receitas, porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre o que lhe ajuda mais a sentir-se bem, a comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a que aprendam melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar.

Com a Internet podemos modificar mais facilmente a forma de ensinar e aprender tanto nos cursos presenciais como nos à distância. São muitos os caminhos, que dependerão da situação concreta em que o professor se encontrar: número de alunos, tecnologias disponíveis, duração das aulas, quantidade total de aulas que o professor dá por semana, apoio institucional. Alguns parecem ser, atualmente, mais viáveis e produtivos.

No começo procurar estabelecer uma relação empática com os alunos, procurando conhecê-los, fazendo um mapeamento dos seus interesses, formação e perspectivas futuras. A preocupação com os alunos, a forma de relacionar-nos com eles é fundamental para o sucesso pedagógico. Os alunos captam se o professor gosta de ensinar e principalmente se gosta deles e isso facilita a sua prontidão para aprender.

Vale a pena descobrir as competências dos alunos que temos em cada classe, que contribuições podem dar ao nosso curso. Não vamos impor um projeto fechado de curso, mas um programa com as grandes diretrizes delineadas e aonde vamos construindo caminhos de aprendizagem em cada etapa, estando atentos - professor e alunos - para avançar da forma mais rica possível em cada momento.

É importante mostrar aos alunos o que vamos ganhar ao longo do semestre, por que vale a pena estarmos juntos. Procurar motivá-los para aprender, para avançar, para a importância da sua participação, para o processo de aula-pesquisa e para as tecnologias que iremos utilizar, entre elas a Internet.

O professor pode criar uma página pessoal na Internet, como espaço virtual de encontro e divulgação, um lugar de referência para cada matéria e para cada aluno. Essa

página pode ampliar o alcance do trabalho do professor, de divulgação de suas idéias e propostas, de contato com pessoas fora da universidade ou escola. Num primeiro momento a página pessoal é importante como referência virtual, como ponto de encontro permanente entre ele e os alunos. A página pode ser aberta a qualquer pessoa ou só para os alunos, dependerá de cada situação. O importante é que professor e alunos tenham um espaço, além do presencial, de encontro e visibilização virtual.

Hoje começamos a ter acesso a programas que facilitam a criação de ambientes virtuais, que colocam alunos e professores juntos na Internet. Programas como o Eureka da PUC de Curitiba, o LearningSpace da Lotus-IBM, o WEBCT, o Aulanet da PUC do Rio de Janeiro, o FirstClass, o Blackboard e outros semelhantes permitem que o Professor disponibilize o seu curso, oriente as atividades dos alunos, e que estes criem suas páginas, participem de pesquisa em grupos, discutam assuntos em fóruns ou chats. O curso pode ser construído aos poucos, as interações ficam registradas, as entradas e saídas dos alunos monitoradas. O papel do professor se amplia significativamente. Do informador, que dita conteúdo, se transforma em orientador de aprendizagem, em gerenciador de pesquisa e comunicação, dentro e fora da sala de aula, de um processo que caminha para ser semi-presencial, aproveitando o melhor do que podemos fazer na sala de aula e no ambiente virtual.

O professor, tendo uma visão pedagógica inovadora, aberta, que pressupõe a participação dos alunos, pode utilizar algumas ferramentas simples da Internet para melhorar a interação presencial-virtual entre todos.

Portanto as novas tecnologias que incluem não apenas o computador com seus programas e a Internet, mas também a televisão, o rádio, o vídeo e, modernamente, o DVD, não podem ser vistas como prejudiciais ou substitutas dos professores. O papel do professor é insubstituível, pois diante de tantas modificações e informações é preciso que haja alguém que auxilie o aluno a analisar criticamente tudo isso, verificando o que é válido e deve ser utilizado e o que pode ser deixado de lado. Apesar da facilidade de acesso a informação que a tecnologia nos permite, o professor continua sendo indispensável para que a tecnologia seja utilizada corretamente.

4.1 PLANEJAMENTO DE RECURSOS AUDIVISUAIS

A questão da tecnologia educacional e às estratégias de design didático usadas para construir grandes sistemas de ensino à distância em universidades européias, que desenvolveram processos de planejamento, construção, intervenção, controle e avaliação dos

alunos, apresentou vantagens aos planejadores de projetos de grande escala, usando, primeiramente, os meios de comunicação audiovisuais (rádio e vídeo) e depois os computadores, poderosos acessórios da capacidade de representação de conteúdos, incluída aí a facilidade de visualização de conceitos complexos, assim como a interatividade do retorno sempre que almejado pelo aluno.

O domínio de recursos de apoio à representação de conteúdos e sua posterior comunicação aos alunos é vital ao trabalho do professor, sejam esses recursos sua voz, sua memória, seu raciocínio, seu texto ou o micro-computador, todos instrumentos de representação multifuncional do conhecimento, em sua área de introdução social e profissional. Por meio dessas ferramentas, o docente irá estruturar seu trabalho com uma continuidade, provavelmente cumulativa, de conhecimentos e representações atuais de sua área.

Os suportes que utilizar para representar essas informações serão as ferramentas de intermédio da comunicação do professor com alunos (e platéias em geral) de uma turma, e das turmas que se seguirem, cada uma das quais terá dez quinze, trinta ou mais sujeitos de suas próprias recepções daquela comunicação.

Pode ser que através das aulas expositivas o professor possa tornar para o aluno viável a ação prática e construtiva do mesmo, de maneira individual e/ou compartilhada, para sua própria construção interior de conhecimento.

Nessas situações, a tecnologia educacional pode colaborar para esse processo, quando destinada a potencializar e tornar mais fácil a capacidade de expressão e comunicação do professor, em múltiplas linguagens, em múltiplos suportes, assim como a apoiar a visualização de conceitos abstratos, servir de instrumento de estudo e formar acervo de pesquisa.

4.1.1 Múltiplas representações e funções do professor

Recomenda-se que seja função do professor compreender e planejar esta diversidade de tipos de interação, assim como sua dinâmica, conforme a necessidade de cada fase do processo de aprendizado pretendido e conforme o objetivo que estiver determinado naquela fase, segundo as necessidades provocadas pelos assuntos específicos que estiverem sendo tratados.

Pode ser que com essa forma de planejamento o professor esteja potencializando sua própria atribuição, enquanto comunicador de conteúdos e valores e enquanto intercessor do processo de construção de cada aluno.

Esta pode ser uma maneira de colaborar para que se conscientize de sua identidade de professor, enquanto sujeito de seu próprio processo de ator social encarregado de formar culturalmente e cumulativamente um conjunto de saberes, colaborando para demarcar os limites entre os espaços do desenvolvimento de cada aluno e do conjunto, em que ele mesmo se implanta (função educacional localizada na finalidade da identificação e cumprimento de regras sócio-culturais), e colaborando também para a validação de conteúdos, valores e compreensões de realidades subjetivas e operacionais que vão assegurar, no limite, a integridade dos conceitos, práticas e procedimentos imprescindíveis ao bom funcionamento da cultura.

A tecnologia educacional será apenas a ferramenta de reprodução da realidade e comunicação dessa reprodução aos alunos, pelo professor, um profissional cuja função social, dentre outros aspectos, é representar e comunicar conjuntos de saberes de uma geração a outra, inserir o aluno à cultura de pesquisa, ajudá-lo a aprender a pensar e a obter aptidões para aprender sozinho, além de colaborar para transmitir todos os valores da sociedade da qual faz parte.

Além disso, por meio dela o professor vai determinar o padrão que se deseja naquele grupo para abordar o tema proposto, uma exigência de qualidade que, longe de limitar, estende o olhar do aluno em direção a desígnios possíveis.

Qualquer representação vai ter um impacto nos alunos, coletiva e/ou individualmente, sendo desejável, desta forma, que esse impacto possa ser, em si, exigente e desafiador, e é possível imaginar que alunos sintam-se motivados a construir representações compatibilizadas com as que foram apresentadas pelo professor.

4.1.2.2 CD's Didáticos

Os CDs didáticos foram as primeiras ferramentas a possibilitar aos professores a integração, de maneira *hipermidiática*, de diversos tipos de representação, na época em que a Internet não dava ainda as possibilidades de acesso instantâneo às soluções audiovisuais e já se antecipava seu potencial de utilização no ensino de Ciência e Tecnologia (SCHNAID et al, 2003).

Embora o suporte em CD tenha ficado de certo modo ultrapassado em termos de volume de memória, sua utilização ainda continua difundida, inclusive comercialmente (existem muitos CDs educacionais à venda, principalmente para níveis elementares de educação). (SCHNAID et al, 2003).

Sua maior vantagem é tornar viável o acesso audiovisual imediato, de maneira hipertextual, em um tipo de mídia cujo acesso ainda é facilitado por fazer parte de uma configuração praticamente mundial dos computadores existentes no mercado.

Inclusive, tipificam uma espécie de grupo fechado de representação em uma certa fase do trabalho do professor (como ainda são os livros), o qual, ao contrário de uma página na Internet, não precisa ser imaginado em termos de atualização periódica, gerenciamento de servidor, acessos, modificações, etc.

A elaboração de CDs didáticos pode funcionar como um laboratório de reproduções audiovisuais para o professor, por possibilitar o uso de textos, vídeos, gráficos, animações, programas de computador, etc., constituindo recurso relevante para dar apoio a apresentação de conteúdos grandes, ou muito exigentes. Além disso, para o aluno, os CDs são um recurso valioso como ferramenta de estudo, de acesso constante, sem limitações de banda de conexão.

4.1.1.3 Vídeos Educacionais

Advindo da conveniente conscientização sobre a necessidade de estimular a ação do aluno, acontecida ao longo dos últimos anos, em praticamente todos os níveis de educação, a utilização de vídeos educacionais tem sido pouco desenvolvida como objeto de pesquisa nas universidades de comunicação e educação.

As potencialidades criadas pelos ambientes virtuais, porém, acrescentaram novas razões aos defensores da utilização de vídeos educacionais, sejam elas aulas gravadas ou produções mais sofisticadas, as quais podem, atualmente, estar integradas em grupos que favorecem a interatividade, a integração com bancos de dados e outras fontes de estudo e aprofundamento.

Versões recentes de softwares de edição de vídeo, como o Adobe Premiere, já permitem ao planejador educacional inserir links dentro das cenas, fazendo com que o aluno, definitivamente, abandone a postura supostamente indesejada de simples espectador. Recomenda-se que o vídeo, assim como todo suporte de mídia educacional, deve ser utilizado segundo a necessidade e a particularidade de cada conteúdo e de cada

grupo de alunos e, principalmente, obedecendo à lógica da percepção de quem está assistindo, e da cultura à qual fazem parte.

A aula dada em vídeo, de modo linear, auxilia para o entendimento dos temas e, inclusive sua apresentação fonética, visto que os textos os mostram de maneira abstrata. Outra justificativa seria a importância do papel do educador para o povo chinês, bem mais valorizado do que na cultura do ocidente. Para vê-los e ouvi-los, os alunos têm motivação para assistir às aulas em vídeo.

Existem fatores, assim sendo, de natureza tecnológica, de treino do professor, de linguagem de vídeo e até mesmo de meros cuidados de criação do cenário, que podem fazer uma enorme diferença na maneira como o aluno vai receber um vídeo, seja ele uma exposição de equipamentos, um roteiro elaborado ou apenas uma aula gravada em vídeo, para serem acessadas pela Internet, ou dadas a alunos distantes, em fitas ou CDs.

O aluno vai querer distinguir nas imagens que recebe aquelas às quais sua cognição está acostumada, com a linguagem de vídeo, boa iluminação e dinâmica de narrativa composta por múltiplas cenas. Vale a mesma idéia para tele-conferências, palestras e aulas em tempo real, por meio de *videostreaming*, com a variável de que, nessas últimas situações, a interatividade pode ser assegurada de maneira síncrona, por meio de canais de *chat*.

A aprendizagem do professor necessita ser suficientemente maleável para viabilizar a criação de situações de espontaneidade, compatíveis não somente com o diálogo conveniente do ponto de vista pedagógico, mas, outra vez, com a imagem que o aluno está acostumado a ver nos veículos audiovisuais. Portanto, os cuidados com a imagem, a linguagem de vídeo e a atitude do professor podem fazer a diferença na boa aceitação do aluno e na conseqüente eficácia da tecnologia educacional.

4.2 EDUCAÇÃO PRESENCIAL

4.2.1 As mudanças na educação presencial com as novas tecnologias

Caminhamos para formas de gestão menos centralizadas, mais flexíveis, integradas. Para estruturas mais enxutas. Menos pessoas, trabalhando mais sinergicamente. Haverá maior participação dos professores, alunos, pais, da comunidade na organização, gerenciamento, atividades, rumos de cada instituição escolar.

Está em curso uma reorganização física dos prédios. Menos quantidade de salas de aula e mais funcionais. Todas elas com acesso à Internet. Os alunos começam a utilizar o

notebook para pesquisa, busca de novos materiais, para solução de problemas. O professor também está mais conectado em casa e na sala de aula e com recursos tecnológicos para exibição de materiais de apoio para motivar os alunos e ilustrar as suas idéias. Teremos mais ambientes de pesquisa grupal e individual em cada escola; as bibliotecas se convertem em espaços de integração de mídias, software e bancos de dados.

Os processos de comunicação tendem a ser mais participativos. A relação professor-aluno mais aberta, interativa. Haverá uma integração profunda entre a sociedade e a escola, entre a aprendizagem e a vida. A aula não é um espaço delimitado; mas sim tempo e espaço contínuos de aprendizagem. Havendo muito mais flexibilidade em todos os sentidos. Onde o importante é aprender e não impor um padrão único de ensinar.

Com o aumento da velocidade e de largura de banda, ver-se e ouvir-se a distância será corriqueiro. O professor poderá dar uma parte das aulas da sua sala e será visto pelos alunos onde eles estiverem. Em uma parte da tela do aluno aparecerá a imagem do professor, ao lado um resumo do que está falando. O aluno poderá fazer perguntas no modo chat ou sendo visto, com autorização do professor, por este e pelos colegas. Essas aulas ficarão gravadas e os alunos poderão acessá-las off-line, quando acharem conveniente.

Haverá uma integração maior das tecnologias e das metodologias de trabalhar com o oral, a escrita e o audiovisual. Não precisaremos abandonar as formas já conhecidas pelas tecnologias telemáticas, só porque estão na moda. Integraremos as tecnologias novas e as já conhecidas. As utilizaremos como mediação facilitadora do processo de ensinar e aprender participativamente.

Haverá uma mobilidade constante de grupos de pesquisa, de professores participantes em determinados momentos, professores da mesma instituição e de outras.

5. DECLARAÇÕES FINAIS

O presente trabalho desenvolveu um estudo a respeito da Tecnologia Educacional: ética do educador na aquisição do aluno. Onde o espaço cibernético permite a complexidade, heterogeneidade do educador e configurações culturais de vida, criando espaço para variadas possibilidades de construções sociais, precisando, pois, abandonar a formatação de crescimento profissional e tipo de reconhecimento social, para abraçar uma postura de direito e dinâmico exercício da cidadania, objetivando uma completa admissão do indivíduo em seu ambiente, enquanto ser social.

Tendo em vista que as novas tecnologias formam um extraordinário conjunto de oportunidades e desafios para a esfera educacional, de certo também promovendo ou criando um pouco de desconforto e insegurança a alguns educadores perante as possibilidades de modificação disponibilizadas pelos veículos tecnológicos educacionais.

Porém, a linguagem tecnológica educacional deve se orientar pelo seu verdadeiro aproveitamento e definição dentro da sociedade, e não ser caracterizada somente como mais uma exterioridade instrumental para que se socialize e se re-socialize o conhecimento, devendo, antes disso, tomar uma postura de agente transformador, restaurador e edificador.

A função principal do professor frente às modernas tecnologias vai estar ligada à sua preparação e capacitação em presença das mesmas, pois, existe a necessidade, na prática, de que esses mesmos professores saibam trabalhar com os diferentes sinais lingüísticos proporcionados pelo universo atual da mídia, e, desse modo, assegurar um verdadeiro conjunto de regras pedagógicas, frente às práticas tecnológicas.

Tendo em vista de que é necessário sair em busca, por intermédio da tecnologia educacional, de uma melhor identificação para a intervenção didática pedagógica nas práticas tecnológicas, para que estas abandonem o aspecto pronto e finalizado de "invenção" e adotem o dinamismo de "potencialidade" para o sistema educacional, dando novo significado a seus indivíduos, tempos e ambientes, com uma contínua reflexão quanto à sua melhor orientação. E é esta técnica, epistemologicamente embasada, que proporcionará o valor pedagógico da tecnologia educacional e as conseqüentes modificações para o campo educacional.

Então se conclui que, através desta discussão teórica, que o profissional de educação precisa ter em mente a necessidade de se compreender melhor o aluno em seu

novo ambiente, em que a revolução da informática e computacional fez parecer, assim como, compreender que o espaço cibernético é a coletividade, e interação de seus atores que precisam, de um desenvolver ético e cultural da nova sociedade, tornando possível o verdadeiro processo de ensino-aprendizagem, implicando em uma posição ética, o fato do professor não se mobilizar para incorporar em sua formação e atuação profissional o uso da informática a negação dessa adoção implica na dificuldade do aluno em não receber o conhecimento com melhores condições de acesso visualização e tudo quanto esse meio possa viabilizar, configurando-se no crescimento do mesmo vir a se forma adequadamente com qualidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. 6 ed. São Paulo: Ars Poética, 1994.
- ARRUDA, Eucídio Pimenta. **Ciberprofessor - novas tecnologias, ensino e trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BOCK, A. M. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. 11 ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- BRASIL. Ministério da educação e cultura. **Legislação sobre a educação infantil e a educação básica**. Disponível em: < <http://www.mec.gov.br> > Acesso em 12/11/2006.
- CECCON, C. **A vida na escola e a escola da vida**. 33 ed. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1998.
- COLL, C. et al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996.
- CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papirus, 1992.
- FAZENDA, I. C. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.
- FREIRE, M. **O sentido da aprendizagem**. In: **Paixão de aprender**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- HARPER, B. et al. **Cuidado, escola!** 20 ed. São Paulo: Brasiliense. 1985.
- HEIDE, Ann; STILBORNE, Linda. **Guia do professor para a Internet: completo e fácil**. Trad. Edson Furman Kilws. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- KRAMER, S. **Por entre as pedras: armas e sonhos na escola**. São Paulo: Ática, 1993.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LITWIN, E. (org.) **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MORAES, Roque. **Construtivismo e Ensino de Ciências: reflexões epistemológicas e metodológicas**. Porto Alegre: EDIPUCRGS, 2000.
- MORAN, José Manuel – “**Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas, SP: Papirus 2000 – (Coleção Papirus Educação).
- PINTO, G. A. C. **O educador e o educando**. Mimeo, 1994.

RODRIGUES, N. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SCHNAID, F.; et al. **Tecnologia Educacional: mídias e suas linguagens**. In: **Ciclo de Palestras sobre Novas Tecnologias na Educação.**, Porto Alegre. Anais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / CINTED. 2003.

WEISZ, T. **O diálogo entre ensino e aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1999.